

## ARTIGO ORIGINAL

### SOBRE A ORIGEM DA RELIGIÃO

Antônio Carlos Borges Martins<sup>1</sup>

*...E talvez seja esta a marca de todas as religiões, por mais longínquas que estejam umas das outras: o esforço para pensar a realidade toda a partir da exigência de que a vida faça sentido.*

*Rubem Alves*

#### RESUMO

Estudo bibliográfico cujo objetivo é discutir a problemática da origem da Religião. Utilizamos como suporte teórico os pensamentos de Otto, Eliade, Alves e Guimarães por neles encontrarmos um enfoque que valoriza a História enquanto se identifica com o anti-historicismo. A relevância desta pesquisa se encontra na percepção de um crescimento da busca de experiências religiosas em nosso tempo, o que surge como um convite para reflexões sobre a gênese daquilo que há tempos é considerado como uma religião do ser humano com o divino – a Religião.

**Palavras-chaves:** Religião. Sagrado. Hierofanias. História das Religiões.

#### ABSTRACT

Bibliographical study in which the objective is that of discussing questions about the origins of Religion. As a theoretical support, we used the ideas from Otto, Eliade, Alves and Guimarães that's because we find in these authors a focus that valorizes History as it identifies with the anti-historicism. The relevant sense of this research is found in the perception of an evolution in the searching of religious experiences in our time, what appears as an invitation for reflections about the genesis of what is taken as a liaison of human being with the divine – the Religion.

**Key words:** Religion. Sacred. Hierophanies. History of Religion.

---

<sup>1</sup>Psicólogo Clínico, licenciado em Ciências, Filosofia e Psicologia. Especialista em Filosofia Moderna e Contemporânea. Mestre em Psicologia/Psicanálise e em Letras/Literatura Brasileira pelo Centro de Ensino Superior de Juiz de Fora. Professor de Psicologia do Instituto Superior de Educação de Santos Dumont/MG. Endereço Residencial: Avenida Rio Branco, 3539 – apto. 504 – Passos - Juiz de Fora – MG – CEP: 36021-630. Telefone: (32) 3215-7999. Endereço eletrônico: acbmartinst@gmail.com.

Ao decidir escrever sobre a questão da Religião muitas perguntas nos surgem, como por exemplo: que poder possui o fenômeno religioso para sensibilizar as consciências? O que de fato existe nele que o torna capaz de prender a atenção das pessoas? De que motivações se servem filósofos, antropólogos, sociólogos, historiadores, psicólogos, artistas, pedagogos, dentre outros estudiosos para pensar a problemática da Religião? Estas, dentre muitas outras questões nos chegam, no entanto, nosso foco se coloca na Origem da Religião. Este tema é por nós apresentado a partir de um estudo bibliográfico.

Para desenvolvermos esta investigação partimos da pergunta: de onde e como surge a Religião? Sem pretender um exame minucioso da problemática tendo em vista os limites desta pesquisa, discutimos conceitos como: sagrado, profano, numinoso, hierofanias dentre outros. São examinadas obras de Mircea Eliade, Rudolf Otto, Rubem Alves e André Eduardo Guimarães, por considerarmos um suporte teórico pertinente dado que identificados com o anti-historicismo e a valorização da História, ou seja, indicando uma nova forma de abordar o problema.

A experiência religiosa é uma das mais ricas experiências que o humano pode vivenciar. Há aqueles que afirmam ser mesmo a mais importante na vida humana, por isto o interesse em investigá-la e nessa investigação procurar o conhecimento acerca da sua origem.

Nosso tempo está marcado por uma efervescência de novas experiências religiosas. Em seu livro **O enigma da Religião** Rubem Alves (1975, p. 14) afirma que: “[...] frequentemente as instituições nada mais são que fósseis de uma experiência religiosa que há muito desapareceu [...]”. A forma provocadora do autor nos convida a pensar que tornar a Religião um objeto para estudo, não garante, de forma alguma, a compreensão da experiência religiosa presente por detrás daquilo que é a Religião, posto que para muitos a experiência religiosa é considerada como a fonte última da Religião enquanto instituição.

Mas quando e onde será que tem início a Religião? Existe um momento histórico marcante? De que modo essa experiência se inicia? Como surge a Religião?

Até o século XIX acreditava-se que a Religião teria surgido, como tantas outras coisas na História, a partir de um fundador ou talvez de alguns fundadores, com data e local historicamente possíveis de serem definidos. E isso fazia dela um acontecimento marcante.

Desde a segunda metade do século XIX, com as novas pesquisas etnográficas, antropológicas, arqueológicas e da própria história sobre o surgimento das religiões, novas perguntas são formuladas resultando assim em uma grande quantidade de material coletado e num novo direcionamento dos estudos da História das Religiões.

Ao lado da etnografia, a linguística trouxe uma colaboração singular para as pesquisas sobre a origem das religiões, quando percebeu que vocábulos usados pelas religiões são muito mais antigos que elas ou do que seus fundadores. Os estudos mitológicos registraram que tais fenômenos eram muito mais amplos do que até então se acreditava ser.

Coube ao grande historiador das religiões, o romeno Mircea Eliade, o papel de organizar um novo método de pesquisa da História das Religiões. Sair do historicismo e apostar na combinação da História com as mitologias, com as teologias e ainda com o desenvolvimento das instituições religiosas, este foi o caminho construído por Eliade.

Seu modo de investigar a História das Religiões tornou-se bastante diverso daquele predominante no positivismo, como bem atesta Guimarães (2002, p. 232) em seu **O Sagrado e a História**:

[...] nada mais contrário à hermenêutica de Eliade que a atitude de pretensa indiferença, de impessoalidade ou de objetividade ‘neutra’, tal como o concebe o positivismo, e posta a serviço de um racionalismo redutivista que nega conhecer nos fenômenos religiosos o seu *proprium*: aquilo que são e que revelam religiosos. (GUIMARÃES, 2000, p. 232).

Eliade sabe quão grande fascínio o sagrado exerce sobre o ser humano, por isto mesmo um dos conceitos que marcam sua investigação é o de hierofanias, a saber, a manifestação do sagrado no mundo mental de quem nele crê. Para Eliade toda hierofania é real e verdadeira.

A história da manifestação do sagrado se dá de modo dialético: ele se manifesta e se esconde, desse modo, o movimento é sempre um dar-se a conhecer seguido de um afastamento. E é o próprio sagrado quem autoriza o humano a conhecê-lo, enquanto ele permanece em sua condição de totalmente diferente, do grande outro para o humano.

Para o romeno as hierofanias que originam as religiões, assim sua obra será o esforço em historiografar as hierofanias a fim de fazer a escritura da História das Religiões sem ignorar nenhuma forma religiosa importante.

Compreender o sagrado como o real, o absoluto, o significativo, o forte, o único fundador do mundo somente se torna possível à medida em que ele é colocado em fundador do mundo somente se torna possível a oposição ao profano, o não-realidade, a relatividade, o caos.

Sob o olhar de Eliade o indivíduo experimenta a realidade profana, no entanto, busca incessantemente a presença do sagrado, quer permanecer no coração do sagrado. A bem da verdade a hierofania é uma manifestação que ocorre justamente na realidade profana.

O profano é ilimitado, é amplo, não possui referências. Somente a experiência do sagrado é capaz de estabelecer limites, de referenciar, e mais que isto, somente ela é a própria referência.

O ser humano organiza o mundo valendo-se das hierofanias, dado que somente nelas ele encontra a resposta para seu desejo de referência. Sobre esta questão do desejo humano de referência e da origem da Religião encontramos algo formidável em Alves (1999, p. 23):

[...] A cultura parece sofrer da mesma fraqueza que sofrem os rituais mágicos: reconhecemos a sua intenção, constatamos o seu fracasso – e sobra apenas a esperança de que, de alguma forma, algum dia, a realidade se harmoniza com o desejo. E enquanto o desejo não se realiza, resta cantá-lo, dizê-lo, celebrá-lo, escrever-lhe poemas, compor-lhe sinfonias, anunciar-lhe celebrações e festivais. E a realização da intenção da cultura se transfere então para a esfera dos símbolos [...].

E continua o autor:

[...] As esperanças do ato pelo qual os homens criaram a cultura, presentes no seu próprio fracasso, são horizontes que nos indicam direções. E esta é a razão porque não podemos entender uma cultura quando nos detemos na contemplação dos seus triunfos técnicos/práticos. Por que é justamente no ponto onde ele fracassou que brota o símbolo, testemunha das coisas ainda ausentes, saudade de coisas que não nasceram...

Aqui surge a religião, teia de símbolos, rede de desejos, confissão da espera, horizonte dos horizontes, a mais fantástica e pretensiosa tentativa de transubstanciar a natureza. (ALVES, 1999, p. 23-24).

Mas essa tentativa de transubstanciar a natureza é registrada em Eliade com o reconhecimento da ímpar condição das hierofanias. As religiões se manifestam desde as hierofanias e somente existem quando há hierofanias. São elas, as hierofanias, as responsáveis pelo rompimento da homogeneidade do espaço profano. Quando elas ocorrem uma realidade absoluta, um centro, um ponto fixo absoluto é revelado, afirma Eliade. E o homem religioso sempre investiu no sentido de se estabelecer no Centro do Mundo.

Para viver no Mundo é preciso fundá-lo, é a manifestação do sagrado que funda ontologicamente o Mundo e permite a obtenção de um ponto fixo capaz de orientação na homogeneidade do profano a fim de se viver o real.

O específico da experiência religiosa do espaço é a não-homogeneidade em oposição à experiência profana marcada pela relatividade do espaço, pela homogeneidade.

Aqui, Eliade (1992) nos convida ao entendimento da teofania como algo consagrador de um espaço. Espaço que aberto para o alto realiza a comunicação com o céu, ou seja, promove o contato de um modo de ser com outro bem distinto – interface céu e terra. A Religião de fato é este fruto das hierofanias produtoras de rompimento de níveis e a existência humana carece da comunicação permanente que ela estabelece com o céu.

A significação religiosa dada pela hierofania elimina a confusão e transfere o espaço até então relativo para absoluto. Por isso o homem religioso tenderá sempre a mover-se unicamente num mundo santificado fundado pelo sagrado. E é do próprio sagrado a responsabilidade de estabelecer a ordem naquele mundo, a ordem cósmica.

Ilustrando com exemplos Eliade (1992) indica que nas várias religiões, o território só é o nosso território à medida em que é por nós consagrado, ou seja, somente quando repetimos o ato da criação feito pelo sagrado, aquele ato da passagem do Caos em Cosmo. Deste modo tem-se uma verdadeira fundação de um mundo, ou se quisermos uma recriação do mundo, porque instalar-se num território equivale, a consagrá-lo.

O mundo fundado, o espaço consagrado, o nosso mundo não se fará senão a partir de um eixo nascido da ruptura de níveis citada acima. A hierofania provocadora de tal ruptura fará deste eixo o Centro do Mundo. Assim, estar no Centro do Mundo é também estar na região mais alta, num espaço privilegiado do sagrado em uma ligação por excelência entre a terra e o céu.

Encontrar-se o mais perto possível daquele centro, ali permanecer em contato com o sagrado buscando atender à sua necessidade existencial de viver em um mundo organizado, esse é o desejo maior do homem religioso.

Eliade (1992) registra também que as sepulturas podem ser consideradas os documentos mais antigos dos seres humanos. Daí a pergunta: o que teria levado homens e mulheres a enterrar seus mortos? Parece que há nessa ação um movimento que remete ao medo, à derrota, mas também à vitória, à esperança, afinal o morto sepultado é plantado como uma semente na terra.

Mais uma vez nos encontramos diante da força do simbólico e compreendemos melhor a insistência do autor em nos mostrar que o homem profano nem sempre se dá conta de que algo da concepção religiosa do Mundo se prolonga ainda hoje em seu comportamento.

A morte outra vez é citada como elemento importante no estudo da origem das religiões quando tratada a questão do proteger o nosso mundo contra o ataque dos inimigos. A morte ali é contada como um dos nossos inimigos.

É muito provável que as defesas dos lugares habitados e das cidades tenham sido, no começo, defesas mágicas; essas defesas – fossas, labirintos, muralhas etc – eram dispostas a fim de impedir a invasão dos demônios e das almas dos mortos mais do que o ataque dos humanos. No Ocidente, na Idade Média, os muros das cidades eram consagrados ritualmente como uma defesa contra o demônio, a doença e a morte.

Aliás, o pensamento simbólico não encontra nenhuma dificuldade em assimilar o inimigo humano ao Demônio e à Morte. Afinal o resultado dos ataques, sejam demoníacos ou militares, é sempre o mesmo: a ruína, a desintegração, a morte. (ELIADE, 1992, p. 47-48).

O homem religioso busca sempre imitar os deuses nas suas obras criadoras. Mas essa imitação é exigente: é preciso assumir a criação do mundo que se escolheu habitar. E esse assumir implica no surgimento da ação dos deuses que esquartejaram um ser primordial (o monstro marinho) para a partir do que foi esquartejado fundar o mundo. Encontramos aí a razão dos sacrifícios sangrentos simbólicos quando das construções. O homem religioso cultiva sempre o desejo de viver permanentemente em sintonia com o sagrado. O sagrado é algo da estrutura humana e não simplesmente uma fase na história da consciência, insistirá Eliade (1992).

***Das Heilige, O Sagrado***, de Otto (1997), é uma obra de valioso significado para o estudo da História das Religiões. Mircea Eliade (1992) comenta que nela o autor, Rudolf Otto, adotou uma perspectiva bastante original quando colocou-se a analisar, não as ideias de Deus e da Religião, mas as modalidades da experiência Religiosa.

O filósofo Rudolf Otto toma a palavra sagrado como um achado muito valioso para abordagem acerca da experiência religiosa já presente. Outros conceitos por ele trabalhados no texto *Das Heilige* muito com a investigação acerca da História das Religiões colocando Otto como um dos mais importantes pensadores da questão.

Em **O Sagrado** temos um exame da problemática da Religião com um olhar inovador. Ao abordar a experiência religiosa já presente desde as expressões mais primitivas das religiões afirma o filósofo:

Com efeito, se há um domínio da experiência humana onde aparece algo que é específico deste domínio e que só neste pode observar-se, é o da religião. É o caso para dizer que aqui o olhar do inimigo é mais penetrante do que o de alguns amigos ou de teóricos neutros. (OTTO, 1996, p. 12).

Aquilo que até então vinha sendo estudado sobre a Religião apontava somente para a valorização da religião racional e o que era ordem do não-racional era como que escamoteado. A concepção da divindade estava muito bem demarcada em noções claras e precisas, susceptíveis até de definições. A idéia de Deus aparece ali como exclusivamente racional.

Era necessário um estudo do não-racional e do seu relacionamento com o racional. Fazia-se mister: “Observar que a religião não se esgota nos seus enunciados racionais e a esclarecer entre os seus elementos, de tal modo que claramente ganha consciência de si própria”. (OTTO, 1996, p. 12).

Tem-se então um alerta de que ao conhecimento científico com seus elementos de análise e seus predicativos naturais, é impossível uma real análise de algo não-racional. Otto (1996) lança mão de um elemento, o numinoso, para discutir tal questão. Seu entendimento é que o numinoso não pode ser desenvolvido através de conceitos, posto que não participa do espaço da razão. E mais, o sagrado sempre leva à experiência do numinoso. Assim, o filósofo procura sair de uma espécie de aprisionamento que as religiões fizeram do termo o sagrado quando os vincularam a um conteúdo, a elementos teleológicos pessoais e morais, desviando-o de seu significado original.

O numinoso não é da ordem do racional e a sensação do humano diante dele é a do *tremendum et fascinosum*, de temor que simultaneamente é fascinante. Para ele o numinoso é o totalmente outro, o muito maior que ele, o que lhe atesta sua impotência, seus limites e sua dependência. Daí sua consciência de ser o pequeno diante do imenso que é o sagrado. É isso o que está por trás das religiões.

O Sagrado manifesta-se sempre como uma realidade diferente das realidades naturais. É certo que a linguagem exprime ingenuamente o *tremendum*, ou a *majestas*, ou o *mysterium fascinans* mediante termos de empréstimos ao domínio

natural ou à vida espiritual profana do homem, mas sabemos que essa terminologia análoga se deve justamente à incapacidade de exprimir o *ganz andere*: a linguagem apenas pode sugerir tudo o que ultrapassa a experiência natural do homem mediante termos tirados dessa mesma experiência natural. (ELIADE, 1992, p. 16).

Se para Otto o numinoso é algo do início das religiões, em Eliade as hierofanias aconteceram e seguem acontecendo na história e é isso que faz com que as religiões continuem existindo. Tanto as reflexões sobre o numinoso quanto as que surgiram desde o pensar as hierofanias tornaram-se contribuições de singular importância na investigação da Origem das Religiões, dado que indicam uma forte reação anti-historicismo possibilitando um novo modo de se investigar tal questão.

### **ALGUMAS CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Passear um pouco, bem pouco – com certeza –, pelos caminhos daqueles que com grande empenho fizeram as escrituras da Origem da Religião nos faz compreender quão complexo é abordar esta questão. São muitas as interrogações e inúmeros os elementos a serem levados em consideração.

Mas, de onde e como surgem a Religião? Entendemos que uma nova maneira de historicizar a Religião proporcionou uma melhor compreensão do problema da origem dela. Quando Otto com sua fabulosa contribuição cunha o termo o sagrado convidando-nos a afastar-nos do conceito religioso já carregado da moralidade pessoal e portanto bem distante daquilo que era em sua origem, temos um passo significativo na investigação. O filósofo aborda a experiência religiosa em sua forma mais natural possível, rompe com o medo de inquerir aquilo que está para além do sensível e da razão, aponta o numinoso como elemento central da experiência religiosa e descreve as reações humanas diante de tal experiência. Frente ao numinoso a expressão possível é a do *tremendum et fascinatum*.

A Religião tem seu início ali, no pavor, mas também naquilo que há de cativante, no que sacode e silencia a alma humana desejante do sagrado. É também nas hierofanias que brota a Religião. Ela nasce das manifestações do sagrado, das já ocorridas, mas também das que continuam a acontecer, registrando cada vez e sempre ali sua origem.



Graças a Eliade a questão da Origem da Religião é retirada de uma perspectiva historicista e o fenômeno religioso passa a ser verificado à luz dos aspectos sócio-culturais (religiosos) e também de estudos da Mitologia, da Psicologia, dentre outros. Assim, parece que a Gênese da Religião continua sendo um campo fértil para novas investigações.

## **BIBLIOGRAFIA**

ALVES, Rubem. **O que é Religião**. São Paulo: Loyola, 1999.

\_\_\_\_\_. **O enigma da Religião**. Petrópolis: Vozes, 1975.

ELIADE, Mircea. **O sagrado e o profano**. São Paulo: Martins Fontes, 1992.

GUIMARÃES, André Eduardo. **O sagrado e a História**: Fenômeno e valorização da história à luz anti-historicismo de Mircea Eliade. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2000.

OTTO, Rudolf. **O sagrado**. Lisboa: Edições 70 LDA, 1996.